



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Yohana Marcela Frazão de Moura Rezende

A CRIANÇA E SUAS ILUSÕES:
A PSICANÁLISE EM “PETER PAN”, DE JAMES M. BARRIE

João Pessoa - PB
2019

YOHANA MARCELA FRAZÃO DE MOURA REZENDE

A CRIANÇA E SUAS ILUSÕES:
A PSICANÁLISE EM “PETER PAN”, DE JAMES M. BARRIE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento
de Letras Clássicas e
Vernáculas como requisito para
obtenção do título de licenciada
em Letras Clássicas e
Vernáculas.

Orientador: Prof. Dr. Hermano
de França Rodrigues.

João Pessoa - PB
2019

YOHANA MARCELA FRAZÃO DE MOURA REZENDE

A CRIANÇA E SUAS ILUSÕES:
A PSICANÁLISE EM “PETER PAN”, DE JAMES M. BARRIE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento
de Letras Clássicas e
Vernáculas como requisito para
obtenção do título de licenciada
em Letras Clássicas e
Vernáculas.

Orientador: Prof. Dr. Hermano
de França Rodrigues.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador – UFPB

Profa. Ms. Elisângela Marcos Sedlmaier
Examinador – UFPB

Profa. Marcília Poncyana Félix Bezerra
Examinador – UFPB

João Pessoa - PB
2019

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

R467c Rezende, Yohana Marcela Frazao de Moura.

A criança e suas ilusões: A psicanálise em “Peter Pan”, de James M. Barrie/Yohana Marcela Frazão de Moura Rezende.- João Pessoa, 2019.

53f.

Monografia (Graduação em Letras Clássicas e Vernáculas) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientação: Prof.º Dr.º Hermano de França Rodrigues

Monografia (Graduação) – UFPB/CCHLA

1. Abandono. 2. Solidão. 3. Importância dos pais. 4. Crescer. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

Dedico este trabalho a meu
esposo e a meu tio, Roberto
Vasconcelos e Rosenberg
Frazão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fazem parte da minha vida, pois são parte primordial para meu êxito durante todo esse percurso.

Meus agradecimentos especiais vão para:

Meu marido Roberto Vasconcelos, com que compartilho minha vida e que foi a minha maior força e incentivo durante anos de escola e por toda a minha graduação. Sem você eu não teria conseguido chegar ao fim. Muito obrigada, pelo amor, pela paciência, pelo investimento e pela felicidade de compartilhar comigo todos os dias da nossa vida.

Meu tio Rosenberg Frazão, que me ensinou desde cedo a apreciar a leitura e a importância de estudar e ser independente. Muito obrigada, sem você, eu jamais teria feito as escolhas que fiz, muito menos encontrado forças e incentivos para continuar a estudar apesar das muitas adversidades que perpassaram o meu caminho.

Minha família, em especial minha mãe Maria Rachel, meus irmãos: Yuri Luckian, Yanara Suiane, Yanka Naara, e meu padrasto James Mackenny que muito contribuíram com seus saberes para minha formação.

Agradeço em especial as minhas amigas Marília, Pollyanna e Karol que comigo carregaram todos esses anos de graduação, aliviando o peso das dificuldades com muita alegria e entusiasmo.

Agradeço também à todas as minhas amigas e fiéis confidentes: Stefanny, Daniela, Adriana, Val, Priscilla, Tereza Raquel, Cintya e Anaíza.

Agradeço também a minha avó Rosilda, que esteve sempre na torcida, acreditando sempre na minha capacidade de chegar até aqui.

Agradeço do fundo do meu coração ao meu Orientador Hermano Rodrigues, que sempre foi muito solícito, disposto a compartilhar seu tempo, experiência e conhecimento.

Faço um agradecimento muito especial a todos os professores que estiveram presentes em minha vida e compartilharam comigo suas experiências e saberes, aprendi muito com todos vocês e hoje me formo com a certeza de que deixo a universidade, para trilhar os caminhos da vida, como uma mulher muito mais consciente e munida do conhecimento e da capacidade de reflexão necessária para lidar com as adversidades e também com as diversidades. A vocês o meu eterno muito obrigada.

Contudo, ele partiu. Afinal, não estava procurando um novo lar. Era um viajante. Um navegador. Alguém que segue traçando um curso e procurando o caminho. E ele ainda procurava seu caminho.

(Clare Vanderpool)

RESUMO

O presente trabalho tem como proposição analisar a obra *Peter Pan*, escrita por J. M. Barrie, sob a perspectiva das categorias da *Solidão* e do *Abandono*, à luz das teorias Psicanalíticas, a fim de apresentar aos leitores a importância dos pais, em especial da mãe, na vida dos filhos, e as possíveis consequências da falta destes, que, na obra, fazem-se representados na personagem principal Peter Pan. No que diz respeito à metodologia, optamos por dividir o trabalho em três capítulos: o primeiro compreende um panorama histórico da literatura infanto-juvenil; o segundo aborda a Psicanálise e os processos de subjetivação na literatura infanto-juvenil; e o terceiro e último capítulo se subdivide em dois tópicos: um sobre J.M. Barrie e outro, a cerca do novo olhar sobre a obra *Peter Pan*, de J.M.Barrie. Este último abarca, de forma individual e topicalizada, as personagens principais da obra. Quanto às bases teóricas utilizadas neste trabalho, destacamos Freud (1917), Diana Corso (2006), Mario Corso (2006), Bruno Bettelheim (2016), David E. Zimmerman (1999), Jean Michel Quinodoz (1993), Nelly Novaes Coelho (1985), Peter Hunt (2015), dentre muitos outros. Por fim, obtivemos como resultado uma análise possível das consequências psíquicas que envolvem uma criança submetida à experiência do desamparo e da solidão decorrentes do abandono dos pais, em especial o da mãe, bem como destacamos a importância destes para um desenvolvimento “saudável” da criança. Além disso, chegamos à conclusão e ressaltamos a importância de saber respeitar e viver cada fase da vida, compreendendo que crescer faz parte da existência e é relevante para um desenvolvimento psicológico completo e saudável.

Palavras-chave: Abandono, Solidão, Importância dos pais, Crescer, Pais, Peter Pan.

ABSTRACT

The present academic work has as main objective to analyse J.M. Barie's composition, Peter Pan, from the perspective of categories solitude and abandon, using psicanalistics theories and presenting to readers the parents presence importance, specially mother's presence, on childrens life and the possible consequences of the parents absence on their lives, that, on the composition is representing by the character Peter Pan. Concerning its methodology, it was choice to divided the work in three chapters: the first one comprises in a historical panorama about child-juvenile literature; the second chapter concerning psicanilistics theories about the subjetivention on child-juvenile literature; and the third and last chapter it was subdivided in two topics: one about the J.M Barie's life and work and another one about a new perspective on Peter Pan by J.M Barie. This last one includes, topically and individually, the main characters on the composition. As rasgards the theoritical basis used in this work, we highlight: Freud (1917), Diana Corso (2006), Mario Corso (2006), Bruno Bettelheim (2016), David E. Zimmerman (1999), Jean Michel Quinodoz (1993), Nelly Novaes Coelho (1985), Peter Hunt (2015), among many others. Finally, we obtained as result a possible analisis about the phychical consequences that involves a child under abandon and solitude experiencies due to the abandonment of the parentes, specially mother's abandonment, as well we highlight the parents presence on childrens healthy development. Besides, we conclude and emphasize that is very important to live and respect each human life phasis, understanding that growing up is part of existence and relevant for a complete and healthy psychological development.

Keywords: Abandon, Solitude, Parents importance, Growing up, Parents, Peter Pan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	13
1 Panorama Histórico da Literatura Infanto-Juvenil.....	13
CAPÍTULO II	17
2 Psicanálise e Processos de Subjetivação na Literatura Infanto-Juvenil.....	17
CAPÍTULO III	23
3 J.M Barrie: Vida e Obra.....	23
3.1 Um Novo Olhar Sobre a Obra Peter Pan, De J.M. Barrie.....	24
3.1.1 A Terra Do Nunca: O Mais Fantástico Imaginário Infantil.....	25
3.1.2 Peter Pan: O Menino que Não Teve a Chance de Crescer.....	27
3.1.3 A Mãe: Uma Hipótese Sobre Quem Seria a Mãe de Peter Pan.....	33
3.1.4 Wendy: Uma Mãe em Potencial.....	36
3.1.5 Capitão Gancho: O Ideal do Pai Fadado ao Fracasso.....	39
3.1.6 Sra. Darling: Um Modelo A Ser Seguido.....	42
3.1.7 Fadas, Sereias E Princesas: Faces Da Maternidade Encontradas Nas Personagens Mitológicas De <i>Peter Pan</i>	44
3.1.8 Os Meninos Perdidos: A Esperança Do Resgate Da Infância.....	48
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Desde a percepção da importância da Literatura infanto-juvenil para a formação do intelecto infantil, muitos progressos foram desencadeados. Obras importantes foram criadas e publicadas, assim como análises e estudos voltados especificamente para a área em questão. Atualmente, possuímos um acervo valioso da somatória dessas obras. Também aperfeiçoamos a compreensão do processo de intertextualidade entre a Literatura com outras áreas, como a psicologia e a psicanálise, por exemplo.

Dessa forma, este trabalho se propõe a analisar a obra infanto-juvenil *Peter Pan*, do autor J.M. Barrie. A categoria a ser analisada é a *solidão* e o *desamparo*, a partir da rejeição materna encontrada na obra. As análises serão feitas à luz das teorias psicanalistas, em especial, das teorias de Bruno Bettelheim, David E Zimmerman, Diana Lichtenstein Corso, Mario Corso, Jean Michel Quinodoz.

Teremos, como objetivos específicos, analisar a personagem principal Peter Pan, a partir da sua relação com os demais personagens da obra. Essa análise será focada em como a criança, representada por Pan, sobrevive à rejeição e ao abandono materno. Outro ponto a ser tratado diz respeito ao importante papel da figura da mãe na vida dos filhos. Para isso, será estabelecido uma relação entre a importância de crescer para a criança e o estado de infância permanente de Peter Pan. No decorrer do trabalho, outras questões que são importantes para uma análise mais completa serão destacadas, como o papel do pai, a terra do nunca, as fadas dentre outros.

Sobre a divisão do trabalho, o mesmo será dividido em três capítulos: o primeiro está intitulado por Panorama histórico da literatura infanto-juvenil; o segundo por Psicanálise e processos de subjetivação na literatura infanto-juvenil; e o terceiro capítulo está subdividido em: J.M.Barrie vida e obra e Um novo olhar sobre a obra *Peter Pan*, de J.M.Barrie, que por sua vez será topicalizado da seguinte forma: A terra do nunca; Peter Pan: O menino que não teve a chance de crescer, A mãe: Uma hipótese sobre quem seria a mãe de Peter Pan, Wendy: Uma mãe em potencial, Capitão Gancho: O ideal do pai fadado ao fracasso, Sra Darling: Um modelo a ser seguido, Fadas, Sereias e princesas: Faces do feminino encontrados nas personagens mitológicas de *Peter Pan* e por fim Os meninos Perdidos: A esperança do resgate da infância.

Por fim, reiteramos que este trabalho se propõe a análises focadas em especial à criança abandonada, que na obra está sendo representada em especial por Peter Pan que é o personagem no qual iremos nos ater, mas que essa categoria também se faz presente em outras personagens como é o caso dos meninos perdidos, e que a todo momento são feitas análises comparativas de forma individualizada, entre essas personagens e os seus opostos, que são representados na obra por Wendy e seus irmãos, com o objetivo principal de observarmos a importância dos pais, bem como as consequências de sua falta na vida dos filhos, como já citado anteriormente.

CAPÍTULO I

1 PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Neste primeiro capítulo, temos como objetivo principal ressaltar a origem e a importância da literatura infanto-juvenil.

Sabe-se que a produção de literatura para crianças e adolescentes é muito recente, até pouco tempo atrás não se compreendia as crianças como as compreendemos hoje, mas, sim, como uma versão menor de adultos. Na Europa, especificamente na França, por volta da segunda metade do século XVII, foi constatada abertamente a importância de literaturas específicas voltadas para as crianças e os jovens.

Primeiramente, foram valorizadas as literaturas voltadas para a fantasia e imaginação, encontradas em narrativas de tradição oral e, principalmente, em textos escritos da Antiguidade clássica, que acabaram servindo como modelo para as fábulas de La Fontaine, que, embora tenham sido escritas para adultos, são lidas também por crianças e jovens até os dias de hoje, como podemos verificar no segmento a seguir: “É essa, uma literatura que resulta da valorização da Fantasia e da Imaginação e que se constrói a partir de textos da Antiguidade Clássica ou de narrativas que viviam oralmente entre o povo” (COELHO, 1985, p.56).

A literatura infanto-juvenil inicial, como já citado baseia-se nos textos da Antiguidade clássica. Era característico dos textos desse período o antropocentrismo, o equilíbrio, a pureza e a moral, tão encontrados nos textos antigos e que, nessa época, também serviam como forma para críticas e denúncias das injustiças sociais ocorridas até então. No período Renascentista, esses ideais começaram a se desequilibrar, pois, compreendendo a razão como a única forma de se obter o conhecimento, esse racionalismo também começou a fazer parte da literatura infanto-juvenil, só que, agora, não mais voltada para a pura fantasia e imaginação clássica, e, sim, voltada para os ideais racionais do período como podemos verificar no trecho abaixo:

Na primeira metade do século, essas duas tendências se manifestaram na produção de uma prosa narrativa caudalosa, exuberante, fantasista que, em tudo, contrastava com a alta disciplina que presidia aos dois gêneros “nobres” da época: *o teatro e a poesia*. Pode-se dizer que o

“romance precioso” e o “romance realista libertino” representam o avesso da alta literatura poética e teatral que acabou por caracterizar as tendências ortodoxas do Classicismo...Neles, nenhum “espírito de ordem”, nenhuma “objetividade”, nenhum “racionalismo” organizador... mas, pelo contrário, o excessivo, o tumultuado, o inverossímil, a fantasia mais exuberante. O “romance libertino”, de intenções filosóficas, tende à crítica cínica da vida cotidiana na corte, mas uma crítica entremeada de mil incidentes romanescos e personagens mitológicos” (COELHO,1985, p.57).

Como podemos verificar, a fantasia ainda faz parte da literatura voltada para o público jovem e infantil. No período entre 1605-1615 a obra mais aclamada foi *Dom Quixote de la Mancha*, escrito por Miguel de Cervantes, uma história de cavalaria que retrata os dois lados: a fantasia e a realidade, contrastando, como já citado, das primeiras literaturas voltadas para a literatura clássica. Inicialmente, Dom Quixote também não foi escrito para crianças, mas, sua mistura de gêneros, aventuras, comédias e suas lições de humanidade, fizeram-no ter sucesso com o público jovem e infantil, levando a várias adaptações, a fim de levar ao mundo todo essa grandiosa obra.

Tivemos também um outro autor bastante importante que também foi pioneiro na literatura infanto-juvenil, chamado Charles Perrault. Escreveu vários contos que são conhecidos e fazem sucesso até hoje, como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida no bosque*, *O Gato de Botas*, *Cinderela*, *O pequeno Polegar*, *Barba azul*, dentre outros.

Boa parte dos contos criados por Perrault tem como base a cultura e folclore local. Muitas têm, como objetivo, ensinar a moralidade e se baseiam também nos contos dos irmãos Grimm, que, por sua vez, são baseados em narrativas orais que, em sua época, serviam de lições e tinham como objetivo alertar às crianças sobre os perigos de não obedecerem aos mais velhos e não divertir as crianças. Inicialmente o escritor Francês não escrevia um gênero abertamente para crianças, escrevia um gênero que abordava o folclore popular e era tido como uma literatura menor, sendo lido por crianças e a obra precursora desse autor era chamada *Os Contos da Mãe Gansa*.

Sobre os contos em geral, leiamos a passagem abaixo:

...os contos funcionam como espécie de “rito de passagem” antecipado. Isto é, não só auxiliam a criança a lidar com o presente, mais ainda a preparam para o que está por vir, a futura separação de seu mundo familiar e a entrada no universo dos adultos (CHAUÍ, 1984, p.1).

A partir do que já foi citado, podemos perceber que a maioria das obras que temos hoje, como herança no universo infantil, não foi escrita pensando propriamente nos jovens e nas crianças, mas que acabam por suprir e atender às necessidades deste público, tendo em vista que os processos mentais e a maturação infantil pediam por uma literatura que fosse capaz de suprir os desejos/pulsões que a realidade não pode prover, com o intuito de oferecer o consolo necessário, um modo de extravasar as emoções que, até então, essas crianças e esses jovens não compreendiam, e fazer com que eles se sentissem compreendidos e conseguissem manter uma relação saudável com os pais em seu período edipiano, e com as demais pessoas em suas mais variadas relações, nos mais variados períodos de maturação.

Temos, hoje várias obras consideradas modernas e contemporâneas, por já serem escritas nos séculos XIX à XXI, *Peter Pan*, *O mágico de Oz*, *O pequeno Príncipe*, *Pinocchio* são alguns exemplos. Essas histórias já não são feitas em estruturas textuais menores como contos, e sim escritas em forma de prosa e no gênero romance. Apropriam-se das estruturas do maravilhoso encontradas nos contos e fábulas mais antigos e o ressignifica em uma narrativa considerada longa.

Fisicamente, a estrutura da literatura infanto-juvenil também evoluiu bastante. As primeiras obras voltadas para o público infantil se assemelhavam às obras escritas para adultos, continham palavras consideradas “difíceis” e o teor que, para a época, era considerado sombrio, como a morte e a dor, também, faziam parte, mas já se utilizavam de xilogravuras, a fim de ilustrar as histórias e torna-las mais interessantes. Com o passar do tempo, novos modelos de ilustração, tipos de linguagem, formatação e conteúdos foram sendo adaptados para atender melhor ao público infantil e às suas necessidades.

A obra escolhida para ser analisada, neste trabalho, foi *Peter Pan*, escrito por J. M. Barrie. Esta obra é considerada contemporânea pois foi escrita em 1911, em estrutura de romance. O autor apresenta uma história que nos prende do começo ao fim, e nos faz pensar sobre os valores da infância e também sobre a importância do crescer. É claro que tudo isso, embebido em muita graça, beleza e aventuras, muita magia, fantasia e imaginação, como é próprio do maravilhoso, como podemos verificar nos trechos abaixo:

O maravilhoso faz parte da herança cultural da humanidade. Vindo de épocas muito remotas e sobrevivendo nas franjas do tempo em meio a racionalidades, tecnologias e informação, o maravilhoso, mais que encantar crianças, jovens e adultos, parece ser uma necessidade vital e por isso não se extingue. Sobre as funções do maravilhoso na cultura, Le Goff ilumina a sedução exercida nos seres humanos e a compensação, espécie de “contrapeso à banalidade e à regularidade do cotidiano” ([GOFF], 2010:21); destaca também a função de realização, pois, citando Pierre Mabilie, defende que o objetivo maior da viagem maravilhosa é “a exploração mais completada realidade universal”([MABILLE], 2010:32), o que implica aprimoramento individual e coletivo (MICHELLI, 2013, p.69).

Ainda sobre o maravilhoso, leiamos abaixo:

Embora o maravilhoso inscreva um mundo sobrenatural, aparentemente irrompe como ordinário e lógico na trama narrativa: torna-se completamente plausível a presença de metamorfoses, objetos mágicos, eventos e seres que se subtraem à moldura do dito real cotidiano (MICHELLI, 2013, p.62).

Como podemos verificar, nos trechos acima, é imprescindível que obras escritas para crianças estejam envoltas no maravilhoso, e na fantasia, pois, é a partir destas estruturas que elas se interessam e encontram compatibilidade para com a história, facilitando o processo de aprendizagem e absorção dos significados que encontram na obra para si mesmas.

CAPÍTULO II

2 PSICANÁLISE E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Neste presente trabalho, faremos o uso da teoria psicanalítica para analisar a obra infanto-juvenil *Peter Pan*. A partir desse aporte, temos como objetivo analisar a importância dos pais para a criança e como a falta destes pode afetar o desenvolvimento psicológico da criança e, conseqüentemente, as dificuldades desencadeadas para o desenvolvimento social delas.

A psicanálise, inicialmente criada por Freud, busca analisar e compreender o inconsciente, o subconsciente e o consciente da mente humana, como essas partes se relacionam e como elas influenciam na nossa vida, nas nossas memórias, sentimentos, sonhos, ações e que influências positivas ou negativas o mundo externo, as pessoas, as relações e tudo mais podem ter para o nosso desenvolvimento psicológico e como reflete em nossas relações para com o mundo.

Vejamos, neste trecho abaixo, retirado do livro *Fadas no divã*, escrito por Mario e Diana Corso, como a psicanálise se relaciona com a literatura infanto-juvenil:

A psicanálise sente-se à vontade no terreno das narrativas, afinal, trocando em miúdos, uma vida é uma história, e o que contamos dela é sempre algum tipo de ficção. A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro. Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada (CORSO & CORSO, 2006, p.21).

É possível verificar, a partir da leitura do trecho acima, que é plausível fazer uso da psicanálise no estudo de obras literárias e no caso deste trabalho, especificamente as obras infantis, tendo em vista que a ficção encontrada nelas se assemelha às criadas por nós mesmos principalmente quando crianças, e a psicanálise visa compreender e

significar aquilo que se passa na nossa mente e que, resulta na nossas vivências até mesmo quando não conseguimos estabelecer relações entre nossas ações e em como nossa mente processou nossas frustrações, a ponto de interferir na nossa realidade sem que nós tenhamos consciência disso.

A literatura infanto-juvenil, por sua vez, auxilia no processo de extravasar a mente dessas crianças e jovens, e consegue aliviar e dar satisfação, relaxamento e conforto para aquilo que a realidade não consegue compreender e oferecer. Essas obras conseguem passar para quem está lendo de diversas formas diferentes, a capacidade de superação diante das mais variadas dificuldades que iremos encontrar na vida, como podemos observar na passagem abaixo:

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana- mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa (BETTELHEIM, 2016, p.15).

Sendo assim, Bettelheim (2016) ainda diz que: “A psicanálise foi criada para capacitar o homem a aceitar a natureza problemática da vida sem ser derrotado por ela, ou levado ao escapismo” (BETTELHEIM, 2016, p.15). Podemos afirmar, dessa forma, que a psicanálise é uma abordagem bastante apropriada, para as análises que iremos fazer neste trabalho.

A abordagem principal diz respeito à importância dos pais para os filhos, e como a falta destes pode afetar, de forma involuntária e, muitas vezes permanentemente, a vida dos filhos. Como esse trabalho faz menção ao psicológico, os prejuízos sociais, embora existentes, não serão contemplados nas análises.

Como este trabalho tem como objetivo analisar, em especial a rejeição a partir da perspectiva de *Pan*, vamos nos focar principalmente na teoria sobre a *Angústia* e a *Separação*, a partir do livro *A Solidão domesticada* (1993), escrito por Jean Michel Quinodoz. Segundo o autor:

Quando se fala de separação em um contexto de relação entre pessoas, a angústia da separação normal corresponde ao sentimento doloroso

de temor sentido por um indivíduo quando a relação afetiva estabelecida com uma pessoa importante de seu ambiente é ameaçada de interrupção ou interrompida. Pode tratar-se de uma interrupção que se segue à perda de uma ligação afetiva (perda de amor) ou de uma ruptura por perda real da pessoa importante. Fala-se mais em separação quando a perda é provisória, e em perda quando tem um caráter definitivo. Entretanto, as fantasias de separação tendem a ser confundidas com as de perda, e a separação é tão vivida como uma perda (QUINODOZ, 1993, p.24).

Partindo do que foi lido na passagem acima, podemos inferir que, após esse processo de separação, independente de qual seja essa separação, a criança será tomada por dois sentimentos fortes que a deixam angustiada: o desespero e a solidão. Leiamos segmento abaixo:

Nos escritos de Freud, muito cedo já se encontra esboçada a importância do papel das relações iniciais de objeto, indispensáveis para que o lactente emerga do estado de desamparo e de dependência biológica e psicológica no qual se encontra no começo de sua existência.(...) Freud menciona diversas vezes a necessidade do ser humano, desde o começo da vida, de encontrar em seu ambiente uma pessoa (geralmente a mãe) que lhe permita descarregar a tensão gerada pelas necessidades internas físicas e psíquicas. Chama-se este encontro entre a necessidade de descarga e a pessoa que a satisfaz de “experiência de satisfação”. Se a ação específica necessária-fornecimento de alimento, por exemplo- proveniente da “pessoa que cuida”, não propiciar esse processo de “realizar a satisfação”, surgirão perturbações do desenvolvimento de funções físicas e psíquicas do lactente devido a sua imaturidade e aos estados de desamparo (QUINODOZ, 1993, p.56).

Como visto na citação acima, a falta do “objeto” de desejo, em geral da mãe, ocasiona inúmeras descargas negativas na mente da criança. Embora este trabalho faça referência a uma criança mais velha, que já superou a fase de lactente, podemos observar nela as sequelas ou perturbações psíquicas do desamparo que ela sente com relação à figura materna. As decepções que tecnicamente seriam superadas com a recuperação do objeto de desejo, permanecem uma vez que, no caso de Peter Pan, o abandono foi permanente. Observemos o fragmento abaixo:

A angústia, reação originária ao desamparo no trauma, é reproduzida depois na situação de perigo como sinal de alarme” (p.96). Este primeiro deslocamento da reação de angústia permite que se passe da

situação de desamparo para a de espera desta, isto é, para a situação de perigo, pois “ em seguida vêm outros deslocamentos, do perigo para a condição determinante do perigo, que é a perda do objeto sob as diferentes formas que ela assume...” (p.96). De fato, se a situação traumática ou a situação de perigo originárias da angústia variam com a idade, todas elas têm, segundo Freud, a mesma característica de significar uma separação ou uma perda de um objeto amado ou a perda do amor desse objeto (QUINODOZ, 1993, p.68).

Sabendo-se disto, podemos supor que o trauma, o ódio e a raiva que Peter Pan tem dos adultos e principalmente da mãe, seja justificado. Essa personagem, durante toda a obra, demonstra um desinteresse persistente pelas mães, reforça a todo o momento que não precisa delas, e que é muito capaz de se virar sozinho. Talvez seja essa a forma que Pan encontrou para evitar mais um abandono. Abdicar-se da necessidade de uma mãe, faz com que ele se sinta superior a elas, logo “ele” as faz sofrer e não o contrário. Essas reações, embora para ele sirvam como uma tentativa de se proteger, quer seja de forma consciente ou não, elas não o eximem da solidão que ele está a todo momento propenso a sentir. Vejamos as passagens abaixo:

Para D. W. Winnicott, existem duas formas de solidão ao longo do desenvolvimento: uma forma primitiva, em um estágio de imaturidade, e uma mais elaborada: “Estar só, em presença de alguém, é um fato que pode ocorrer em um estágio bastante primitivo, no momento em que a imaturidade do ego é compensada de modo natural pelo suporte do ego proporcionado pela mãe. Com o tempo o indivíduo introjeta essa mãe, suporte do ego, tornando-se deste modo capaz de estar só, sem precisar recorrer a todo momento à mãe ou ao símbolo materno (QUINODOZ, 1993, p.165-166).

Ao longo do desenvolvimento infantil, assim como do processo psicanalítico, as sucessivas separações da pessoa importante provocam o temor renovado de que a perda do objeto bom na realidade externa cause a perda dos bons objetos internos. A ameaça dessa perda desperta angústias características da posição depressiva infantil, de acordo com M.Klein, e afetos de tristeza e luto pelo objetos externos e internos que os acompanham. Apenas as experiências positivas são capazes de contrabalancear essas crenças internas de que o objeto está perdido, devido as fantasias de destruição. No decorrer do processo psicanalítico, a sucessão de experiências de separação seguidas de reencontros provoca um trabalho de luto que será superado graças à prova da realidade, que confirma que as fantasias de destruição não se realizaram e reforça a confiança nos bons objetos internos e externos (QUINODOZ, 1993, p.166).

No decorrer da obra e também deste trabalho, nós identificamos, com mais clareza, diversas passagens, que podem comprovar que Peter Pan não conseguiu superar o luto da perda de sua mãe, uma vez que, como já citado anteriormente, ele foi abandonado de forma permanente e acabou não desenvolvendo a ideia de que, embora não se possa ter a mãe o tempo todo, ela sempre vai voltar, muito pelo contrário! Observamos que essa criança é repleta de dicotomias, por um lado, feliz, aventureiro, livre, ou seja, o próprio retrato da infância; do outro lado, uma criança traumatizada, que odeia adultos, responsabilidades próprias do crescer, que está sempre só no meio de tanta gente! Ninguém conhece Peter Pan.

Uma outra perspectiva que vale a pena ressaltar diz respeito à melancolia que, por vezes, notamos em Peter Pan. Freud (1917) em seu artigo *Luto e melancolia* diz que:

Mas, se toma emprestado alguns aspectos do luto, por meio dessa analogia percebe também suas diferenças. E há diferenças significativas. Freud destaca, em ambos, a dor, a dor referida a uma perda que, no caso do luto, é clara, mas, no caso do melancólico, não é evidente: “ele sabe quem perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém” (FREUD, 1917, p.243) ... Não há clareza diante daquilo que se foi com o objeto perdido, mas, sem dúvida, a perda desconhecida ou não identificada resultará num trabalho interno de alguma forma semelhante ao luto (EDLER, 2015, p.30).

Embora este artigo faça muitas referências a um processo melancólico como algo que atinge, em sua maioria adultos, em seus mais variados aspectos, acreditamos que possa se encaixar, ainda que sob uma forma primária, ao nosso personagem Peter Pan, uma vez que não sabemos, e nem podemos estimar de forma exata a sua idade.

Podemos supor que, apesar dessa criança ter um lado retratado na obra como alegre, aventureiro e mágico, sua oposição também está presente, definindo-se, nas entrelinhas, por arrogante, triste e melancólico. Este último, presente em várias passagens da obra, que serão apresentadas sob forma de citação neste trabalho, podemos perceber diversos momentos de Peter Pan, no qual percebemos considerável sofrimento decorrente do abandono materno.

Não consideramos que Peter Pan está em luto, pois como visto nas citações acima, a superação é característica desse processo, e não é este o caso do personagem,

uma vez que ele permanece preso em um ciclo de raiva, tristeza e melancolia. Podemos aproximar esse processo psicológico a um estágio inicial da melancolia, que não aparece sempre, mas aparece de forma pontual.

Uma vez que o personagem não cresce, pressupomos que não amadureça o suficiente para desenvolver um estágio de melancolia mais aguda, ou seja, para nós, Peter Pan está estagnado em um período primário da infância, desamparado, sozinho e preso a um estágio de melancolia. Embora não seja perceptível, na obra o tempo todo, devido principalmente à mágica da obra e aos outros aspectos de Pan, esta perspectiva está presente em toda a história como vamos analisar no decorrer deste trabalho.

Enfim este trabalho apresenta esses eixos acima mencionados, como a angústia, o desamparo, a solidão e a melancolia, assim como a importância dos pais, em especialmente das mães através da encantadora obra de Barrie, *Peter Pan*, a partir de seus personagens, a fim de estabelecer relações entre as teorias psicanalíticas e o desenvolvimento psíquico infantil, partindo da fuga da normalidade, que, neste trabalho, é apresentado sob forma do abandono materno.

CAPÍTULO III

3 J.M BARRIE: VIDA E OBRA

Nascido no ano de 1860, no dia 9 de maio, James Matthew Barrie era de Kirremuir na Escócia, e, desde muito novo, vivenciou diversas tragédias, como a morte accidental de seu irmão ainda criança, que pode ter servido como um precursor da ideia sobre a criança que não quer crescer.

Formou-se na universidade de Edimburgo, no curso de Literatura, decidiu ser escritor. Sua primeira obra se chamava: *Better Dead*. Barrie, nesse momento, ainda tentava se firmar como escritor de literatura, dessa forma, trabalhava formalmente como jornalista freelancer.

Casou-se com Mary Ansell, uma atriz. Nessa época, ele já morava em Londres, e depois de casado foi morar a rua Gloucester Road, 133, bem próximo ao parque Kensington Gardens, que também aparece em sua obra *Peter Pan*. Neste período, ele conheceu o casal Sylvia e Arthur Davies e seus filhos. Barrie se apegou bastante aos filhos do casal, principalmente quando ficaram órfãos, quando passou a tomar conta das crianças.

Barrie escreveu diversas histórias anteriores a *Peter Pan*, e que serviram como esboço para a própria obra intitulada, inicialmente por *Peter Pan e Wendy*, e depois apenas *Peter Pan*. Algumas dessas obras foram: *Os meninos náufragos da ilha do lago negro*, *O pequeno pássaro branco* e a peça que deu origem ao livro em prosa: *Peter Pan ou o menino que não queria crescer*.

Acredita-se que James Barrie retirou da parte dolorosa de sua vida, as perdas de seu irmão e também dos órfãos Davies, material para escrever sua peça e, futuramente, o livro em prosa que será analisado neste trabalho.

A história de *Peter Pan* é bem sabida por todos nós. Desde criança, lemos e assistimos aos filmes sobre as aventuras de *Peter Pan* e *Wendy* na famosa terra do nunca. Nesta história, *Peter Pan* perde a sua sombra na casa dos irmãos da família Darling: *Wendy*, *João* e *Miguel*, uma vez que ia escondido, durante a noite, para escutar histórias fantásticas e contá-las, aos meninos perdidos. Após se deparar primeiramente com *Wendy* que, ao encontra-lo chorando por não saber como se unir a sua sombra

novamente, costura sua sombra de volta. Ele a convida para ir à Terra do Nunca, e a convence de toda a magia e aventura que encontrará lá, as sereias, as fadas, e promete que ela será a mãe dos meninos perdidos e que ela poderá contar todas as fantásticas histórias que ela souber e, muito encantada, ela aceita a proposta, desde que também possa levar os seus dois irmãos e, assim, os quatro, e a fada sininho, eterna companheira de Pan, viajam rumo à Terra do Nunca.

Lá chegando Wendy encontra tudo o que lhe foi prometido, uma casa, os meninos perdidos. Conhece as fadas e as sereias, das quais guardou amargas decepções, travou batalhas com a tribo indígena, contou várias histórias, lutou com os piratas e o Capitão Gancho, até que, em dado momento, ela percebe que seus irmãos não lembravam de seus verdadeiros pais e que, até mesmo para ela as lembranças estavam ficando turvas, totalmente imersos na realidade da Terra do Nunca. Foi nesse momento que Wendy decidiu que estava na hora de voltar para casa e assim o fez.

Ao chegar em casa, a janela estava aberta, sua mãe dormia e eles resolveram deitar em suas camas. Sua mãe, ao acordar, quase não acreditou que eles tinham mesmo voltado. A felicidade foi imensa, o suficiente para o Sr. e a Sra. Darling repensarem o valor de seus filhos. Eles acabaram adotando os meninos perdidos, exceto Pan, que escolhe voltar a terra do nunca e voltar nas férias para levar as crianças a novas aventuras, mas como podemos perceber ao longo desta fantástica obra, Peter não tem uma noção de tempo real, e nem uma boa memória já que sua mente sempre está ocupada em viver suas aventuras, e acaba demorando para voltar e a cada vez que ele volta, tem uma nova geração o aguardando, a neta, a bisneta e assim por diante nas demais gerações da família Darling.

3.1 UM NOVO OLHAR SOBRE A OBRA PETER PAN, DE J.M. BARRIE

A análise que foi desenvolvida neste trabalho, subdivide-se em tópicos para uma melhor compreensão da mesma. Dessa forma, cada tópico abordou a categoria em questão que se apresenta a partir da relação entre a personagem principal Peter Pan e as demais personagens da obra.

As relações entre Peter Pan e os demais personagens não foram totalmente encerradas ao final de cada capítulo, tendo em vista que, sendo uma obra bastante complexa, a todo momento estaremos fazendo menção a personagens que já foram

abordados em outro capítulo, mas que precisam novamente serem mencionados para que tenhamos uma análise completa da obra.

3.1.1 A TERRA DO NUNCA: O MAIS FANTÁSTICO IMAGINÁRIO INFANTIL

Para iniciarmos a nossa análise sobre esta encantadora obra de J.M.Barrie, convém fazermos uma breve explanação sobre o espaço em que se passa a maior parte da história, a Terra do Nunca. Vejamos, na citação abaixo, como o autor da obra a define:

O mapa tem linhas em zigue-zague iguais às dos gráficos de temperatura, e elas provavelmente são as estradas da ilha, pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com pinceladas maravilhosas de cor aqui e ali, recifes de coral e barcos velozes prontos para zarpar, e esconderijos selvagens e secretos, e gnomos que quase sempre são alfaiates, e cavernas atravessadas por rios, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e uma cabana caindo aos pedaços, e uma velhinha bem baixinha com um nariz de gavião.

(BARRIE, 2013, p.18)

Podemos perceber o quanto esse local é peculiar, com um mapa tão complexo e variável. A Terra do Nunca é capaz de compreender todo o imaginário infantil, sendo assim é capaz de apresentar muitas emoções e aventuras, bem como perigos reais. Compreendendo que esse mundo faça parte do psíquico infantil, ele varia conforme a criança e seu imaginário. Vejamos o segmento abaixo:

É claro que as Terras do Nunca variam muito. A de João, por exemplo, tinha uma lagoa com flamingos voando em cima, nos quais ele atirava. Já a de Miguel, que era muito pequeno, tinha um flamingo com lagoas voando em cima. João morava num barco emborcado sobre a areia, Miguel numa oca de índio e Wendy numa casa de folhas muito bem costuradas. João não tinha amigos, Miguel tinha amigos à noite, Wendy tinha um lobo de estimação que havia sido abandonado pelos pais. Mas, em geral, as Terras do Nunca têm semelhanças entre si como os membros de uma família e, se elas ficassem paradas uma do lado da outra, você ia poder dizer que têm o mesmo nariz e coisas assim. Nessas praias mágicas as crianças sempre irão ancorar seus barquinhos. Nós também já estivemos lá; ainda podemos ouvir o barulho das ondas, mas nunca mais vamos desembarcar.

(BARRIE, 2013, p.18-19)

Observemos que esse lugar maravilhoso, está disponível a todas as crianças bem como esteve para todos nós quando éramos pequenos. É importante mencionar que, para a psicologia, esse refúgio é extremamente normal, desde que a criança tenha a capacidade de saber delimitar o que é real do que é fantasia, e com o passar dos anos, ao entrar nas demais fases da vida, saiba também amadurecer e acabe por deixar para trás parte dessa magia que se resguarda apenas para a infância. Leiamos o fragmento abaixo:

É bom esclarecer que a Terra do Nunca era uma ilha, porém as crianças a encontraram não graças ao inexistente senso de orientação de Peter Pan, já que este voava à deriva, norteadado apenas pelo seu senso de busca de diversão. O grupo chegou lá porque a ilha também estava procurando por eles. Não há como errar o caminho para a Terra do Nunca, pois se não acertamos o rumo, ela nos localizará (CORSO&CORSO, 2006, p.237).

Dessa forma, podemos comprovar mais uma vez que a Terra do Nunca está ao alcance de todas as crianças, embora muitas vezes não se saiba explicar como funciona.

Na obra *Peter Pan* (2013) é interessante ressaltar que a forma como esse processo psíquico se revela nas personagens, varia de uma criança para a outra: Wendy já é quase uma mocinha e sabe muito bem delimitar o que é real do que não é, seus irmãos João e Miguel ainda são crianças, e, embora na maior parte das vezes eles saibam a diferença, uma imersão prolongada nesse mundo maravilhoso dificultaria esse discernimento. Sendo assim, sua irmã Wendy é a responsável por estabelecer esse elo entre essas linhas tênues; os meninos perdidos são as crianças abandonadas que estão totalmente imersas na Terra do Nunca por já não terem aonde ir. Elas já não possuem facilidade para discernir a realidade da imaginação e nem possuem alguém ou algum adulto que o faça por ela, no entanto elas ainda possuem a chance e a vontade de crescer, e na obra Wendy será responsável por despertar o desejo nelas. Por fim, Peter Pan é o menino que não quer crescer, está muito aquém da realidade. Vejamos abaixo:

Para Peter Pan a fantasia é um delírio, ela não para nunca, e ele não sai jamais da fantasia porque ele é a sua essência, a ilha é uma extensão de seu personagem, tudo gira em torno dele. Para as crianças de verdade, é fundamental saber que se pode sair, que não estão prisioneiros (CORSO&CORSO, 2006, p.237).

No decorrer deste trabalho, faremos uma análise mais detalhada de como a criança pode se apegar à Terra do Nunca, como forma de fugir e procurar refúgio ao se deparar com as adversidades na qual está imersa. O abandono, a solidão, o sofrimento, a raiva e toda uma gama de sentimentos influenciam diretamente o psicológico das crianças, fortalecendo o vínculo e facilitando a fuga para o interior de suas mentes, dificultando cada vez mais a capacidade de se fixar na realidade.

3.1.2 PETER PAN: O MENINO QUE NÃO TEVE A CHANCE DE CRESCER

Peter Pan é o personagem principal da obra analisada neste trabalho. Ele é conhecido como o menino que não queria crescer, mas será que ele realmente não queria crescer? Ou ele não teve a chance de crescer? É o que veremos agora neste tópico.

Na obra de J. M. Barrie, Peter Pan é uma criança que adora aventuras, e que vive na maravilhosa terra do nunca, que é o refúgio das crianças, uma terra que se molda conforme a fantasia da criança; onde brincadeira é coisa séria e o segredo é se divertir sempre. Lá ele mora com a sua fada Sininho, e com os garotos perdidos; na sua terra é ele quem manda, e quem vive as mais maravilhosas aventuras.

Não sabemos muito qual é a verdadeira história de Peter Pan, tudo o que sabemos através da história é pelo ponto de vista do próprio personagem e não é cem por cento confiável, tendo em vista que Pan esquece muito rapidamente de tudo: das pessoas, das aventuras, até mesmo dos inimigos. Na obra, Peter está em busca de uma mãe para levar à Terra do Nunca, a fim de contar histórias maravilhosas a ele e aos meninos perdidos, assim, ele leva Wendy que se adapta perfeitamente ao papel de mãe de faz de conta.

E a história começa na Terra do Nunca, quando Wendy e seus irmãos chegam lá, no decorrer da narrativa podemos observar que Peter Pan não gosta de adultos e principalmente das mães, não mães como Wendy, é claro, que é mãe de faz de conta, mas as mães de verdade, o que nos faz pensar o porquê.

Ele conta que tinha uma mãe, e que fugiu de casa ao ouvir seus pais discutirem o seu futuro e que, após muito tempo, ele resolveu voltar e, ao chegar, deparou-se com a janela gradeada e um outro menininho deitado em sua cama, o que o fez odiar os adultos e decidir que não precisava de uma mãe e que não iria crescer nunca. Foi embora para a terra do nunca e nunca mais voltou para casa.

A Peter Pan não foi concedida a oportunidade de crescer, uma vez que, como criança, ele não queria se tornar um adulto como seus pais, e arcar com as responsabilidades que a idade exige. Ele foge para a terra do nunca que é o seu refúgio, e como toda criança sempre pensa e espera que seus pais nunca o abandonem, nem o esqueça é de se entender que para Pan, seus pais sempre estariam lá para ele, e a janela sempre estaria aberta, mas infelizmente não foi o que aconteceu, tornando o maior medo da criança que é o de ser abandonado pelos pais, uma triste realidade.

Neste ponto, excluindo-se os possíveis motivos para que a Mãe de Pan o tivesse abandonado, mas levando-se em consideração que ele, de fato, o foi, podemos inferir que a raiva e o medo que ele tem de crescer seja justamente devido a essa rejeição, porque, na cabeça da criança, a mãe o substituiu por ele não querer crescer, logo, magoado pela mãe. Ele decidiu que não precisava de uma e que podia muito bem se virar sozinho não crescendo nunca, dessa forma Peter odeia o “crescer” e virar um adulto, na mesma medida que também teme essa realidade que está sempre a atormentá-lo, como podemos observar no seguinte trecho da obra:

Sentiu tanto ódio dos adultos, que estavam estragando tudo como sempre, que assim que entrou em sua árvore respirou de propósito bem rápido e curto, fazendo mais ou menos cinco respirações por segundo. Peter fez isso porque, segundo diz um ditado da Terra do Nunca, sempre que você respira, um adulto morre; e ele estava matando adultos o mais rápido possível, só para se vingar.

(BARRIE, 2013, p.164)

Como podemos perceber na leitura do fragmento acima, Peter Pan sente um rancor pelos adultos, que não se restringe a quem o fez mal, mas sim se generaliza e atinge a todos que se encontram na categoria dos adultos. Sobre a angústia da separação Quinodoz (1993) diz:

[...] o sujeito então se defende contra o aparecimento da angústia reprimindo-a em seu inconsciente, seja através de mecanismos de defesa como a repressão, o deslocamento ou outras formas de defesa, seja negando os afetos e cindindo seu próprio ego, quando a angústia é demasiado forte, como teremos ocasião de ver ulteriormente. Esses mecanismos de defesa contra a angústia fazem com que o sujeito que sofre a separação não saiba mais por *quem* ele sofre, nem mesmo *aquilo* que sente em relação à separação ou à perda do objeto investido. Por exemplo, quando a dor da separação é excessiva, o sujeito pode deslocar os sentimentos de tristeza e de abandono, e senti-los em relação a uma outra pessoa que não a pessoa investida, sem ter consciência de que sua tristeza se desviou da pessoa que deu origem a sua tristeza. Tais deslocamentos de sentimentos frequentemente dão origem a atos falhos (QUINODOZ, 1993, p.26).

Podemos perceber, no decorrer da obra, esta angústia em Peter Pan, quando, ao se referir à mãe, ele não demonstra uma possibilidade de outro retorno, ou de que sua mãe faz parte de sua vida; muito pelo contrário, as únicas menções a essa mãe são com o intuito de provar que as mães são más. Não existe um vínculo direto com uma pessoa que está ali palpável, mas é como se essa mãe não existisse e sua perda fosse irreparável, pois volta e meia nós, como leitores e os demais personagens da obra, percebemos o grande impacto que a falta dessa mãe tem sobre Peter, em sua tristeza momentânea, em seus pesadelos, nas conversas ou menções a qualquer mãe e no fato de que, mesmo odiando as mães, ele sabe que as mães não são todas iguais a sua e que as outras crianças precisam voltar para suas mães como podemos verificar nos fragmentos abaixo:

Bom, eu nem sei se Peter já teve uma mãe de verdade, mas, se teve, ele não sentia mais saudades dela. Podia passar muito bem sem uma mãe. Já analisara bem as mães, e só lembrava de seu lado ruim.

(BARRIE, 2013, p.168)

-É a mãe da Wendy. Ela é bonita, mas não tão bonita como a minha mãe. A boca dela é cheia de dedais, mas não tantos quantos tem na da minha mãe.

É claro que Peter não sabia nada sobre sua mãe. Mas, às vezes, ele contava vantagens sobre ela.

Peter não conhecia aquela música, que chamava “Lar, doce lar”, mas sabia que ela estava pedindo “Volte para casa, Wendy, Wendy, Wendy”. Ele exclamou, exultante:

-Você nunca mais vai ver a Wendy de novo, moça, pois a janela está trancada!

Ele olhou de novo para ver por que a música havia parado.

E agora viu que a sra. Darling pousara a cabeça sobre o piano, e que duas lágrimas haviam brotado de seus olhos.

“ Ela quer que eu destranque a janela” pensou Peter. “ Mas eu não vou fazer isso. De jeito nenhum.”

Ele olhou de novo e as lágrimas ainda estavam lá, ou então haviam sido substituídas por outras duas.

Ela gosta mesmo muito da Wendy-disse Peter para si mesmo.

Ele agora estava irritado com a sra. Darling, que não via por que não podia ficar com Wendy. O motivo era tão simples:

-Eu gosto dela também. Só um dos dois pode ficar com ela, moça.

Mas a moça não se consolava, e Peter ficou chateado. Ele parou de olhar para ela, mas nem assim ela o largou. Ele pulou de um lado para outro e fez caretas. Mas, quando parou, foi como se a sra. Darling estivesse dentro dele, pedindo.

-Ah, tudo bem!

Ele engoliu em seco. E destrancou a janela.

(BARRIE, 2013, p.231-232)

Foi a cena mais linda que já se viu; mas não havia ninguém para vê-la, com exceção de um menino estranho que estava espiando pela janela. Ele já sentira inúmeros êxtases que as outras crianças jamais iam experimentar; mas o que estava vendo pela janela era a única alegria da qual sempre seria excluído.

(BARRIE, 2013, p.235)

Como podemos verificar, nas passagens acima, Peter Pan sente a falta de uma mãe, assim como consegue perceber o amor de uma mãe ainda que seja direcionado a outras crianças e não a ele. Como é o caso da Sra. Darling para com seus filhos. Peter sente rancor, tristeza pela falta de uma mãe. Por esse motivo, tenta magoar as outras mães, para tentar aliviar todo esse sentimento negativo que ele traz eternamente consigo, ao passo que age como se nada disso tivesse importância, tendo em vista que essa criança vive imersa em um espaço psíquico para conseguir lidar com as suas frustrações, logo ele vive as suas aventuras, esquecendo, lembrando sem ter dimensão do quanto a falta de uma figura materna tem influência sobre si.

O tempo não para especialmente para ninguém, mas o tempo parou para Peter Pan, provavelmente se encantou pelo sorriso contagiante repleto dos pequeninos dentinhos de leite, e o concedeu a chance de ser eternamente uma criança, vivendo em sua maravilhosa Terra do Nunca, longe do abandono e do sofrimento que já viveu e perto das maravilhas que sua mente infantil pode proporcionar.

É triste ver que Pan quer voltar para casa, mesmo não querendo crescer, porque, em sua cabeça, a janela estará aberta e sua mãe o esperando de braços abertos, e isso

não acontecer, ele acaba se deparando com seu maior medo: o de ser abandonado pela sua mãe, que é o seu mundo, como podemos verificar no segmento retirado da obra:

- Wendy, você está errada em relação às mães.

Todos foram para perto dele, assustados, de tão alarmante que era sua agitação. E, com maravilhosa sinceridade, Peter revelou algo que até então havia escondido de todos.

- Há muito tempo -disse ele-, eu , assim como você, achava que a minha mãe sempre ia deixar a janela aberta para mim. Por isso, fiquei longe de casa durante luas e mais luas e depois voei de volta. Mas havia barras na janela, pois a mamãe havia de esquecido de mim. E tinha se esquecido de mim. E tinha outro menininho dormindo na minha cama.

(BARRIE, 2013, p.162-163)

Segundo Quinodoz (1993):

A angústia da separação habitualmente se expressa por reações afetivas pelas quais mostramos- e podemos dizer- nossos sentimentos em relação à pessoa de quem nos sentimos separados: por exemplo, sentimento de estar abandonado e só, triste ou pesaroso, frustrado ou desesperado. A reação afetiva à separação também pode ser expressa por toda uma gama de emoções, conforme o grau de angústia. Essas emoções podem ser menores, como ansiedade ou mágoa, mas podem chegar a manifestações maiores, tanto psíquicas (depressão, delírio, suicídio) como somáticas funcionais (afetando as funções) ou psicossomáticas (provocando lesões orgânicas). A angústia de separação é efetivamente uma das mais frequentes causas desencadeantes de perturbações patológicas, encontrando-se particularmente na origem de muitas doenças psíquicas ou somáticas, ou de acidentes (QUINODOZ, 1993, p.25).

Como já mencionado no capítulo 2 deste trabalho, a angústia da separação traz consigo a sensação sempre recorrente de desamparo e solidão. Pode-se observar e até mesmo inferir que, o fato de ter sido substituído por um irmão, desencadeou em Peter Pan reações como essas que podemos testemunhar: o desamparo, a solidão, a angustia, a raiva, o medo, enfim, uma gama de sentimentos negativos que propiciaram a criança a seguir o caminho que vem trilhando no qual se mantém estagnada.

O esquecimento de Pan, também, é algo que deve ser mencionado neste presente trabalho. Sabe-se que, para a psicologia, especificamente para a psicanálise, que esquecer é um mecanismo de defesa do nosso cérebro, quando estamos em situações em

que somos levados ao nosso limite. A nossa mente suprime aquela lembrança dolorosa, isso não faz com que ela simplesmente desapareça, mas recalca essa lembrança para o nosso inconsciente, ao qual temos acesso através dos sonhos por exemplo, além é claro de ter interferência nas nossas emoções sem que saibamos a origem. A partir desta pequena explanação, podemos supor que a mente do nosso pequeno Peter Pan, tenha criado essa barreira de defesa, em que ele simplesmente recalca as suas vivências, suas dores, as pessoas, as aventuras, ou seja, para ele tudo é sempre muito novo, o que pode justificar também a sua arrogância. Verifiquemos abaixo:

Peter não estava com eles naquele momento, e os três se sentiam muito solitários lá em cima sem ele. Peter sabia voar tão mais rápido que subitamente disparava e sumia de vista, para viver uma aventura da qual os outros não podiam participar. Ele descia morrendo de rir de uma coisa muito engraçada que tinha dito para uma estrela, mas já tinha esquecido o que era, ou subia com escamas de sereia ainda grudadas na pele, mas sem saber contar direito o que havia acontecido. Era mesmo bastante irritante para crianças que jamais haviam visto uma sereia.

- E se ele se esquece das sereias tão rápido –argumentou Wendy-, como a gente pode esperar que vá continuar lembrando de nós?

De fato, às vezes, quando Peter voltava, ele não se lembrava deles pelo menos, não muito bem. Wendy tinha certeza. Ela via a lembrança surgindo em seus olhos justamente quando ele estava prestes a passar por eles sem nem dar bom-dia; numa ocasião, Wendy teve até que dizer qual era o nome dela.

-Eu sou a Wendy- disse assustada.

Peter lamentou muito o acontecido.

-Olha só, Wendy-sussurrou para ela-, se você vir que estou esquecendo de você, continue a dizer “eu sou a Wendy” que aí eu vou lembrar.

(BARRIE, 2013, p.65-66)

Wendy estava animada para ter conversas emocionantes com ele sobre os velhos tempos, mas novas aventuras o haviam feito esquecer das antigas.

-Quem é o Capitão Gancho? Perguntou Peter com interesse quando ela falou de seu arqui-inimigo.

-Você não lembra como matou o capitão e salvou as vidas de todos nós? - perguntou ela, muito espantada.

- Eu esqueço de quem eu mato- respondeu com indiferença.

Quando Wendy disse, embora duvidasse muito disso, que esperava que Sininho fosse ficar feliz em vê-la, Peter perguntou:

-Quem é Sininho?

-Ah, Peter!-exclamou Wendy chocada.

Mas, mesmo depois de ela explicar, ele não conseguiu lembrar.

(BARRIE, 2013, p.242-243)

Voar é próprio das fadas, Pan sabe voar e tem o apoio e o pó das fadas, essa habilidade talvez seja uma tentativa de ser como as fadas, sempre livres, pequenas e brilhantes que nascem dos sorrisos dos bebês o afastando um pouco mais da realidade na qual ele nasceu e sofreu, o aproximando do mundo encantado de magia.

3.1.3 A MÃE: UMA HIPÓTESE SOBRE QUEM SERIA A MÃE DE PETER PAN

Quem seria a mãe de Pan? Não se fala muito nela no decorrer da obra, apenas que discutia o futuro do filho e que, após o garoto fugir, o substituiu por outra criança e fechou a janela.

Para falarmos um pouquinho de quem seria, hipoteticamente, essa mãe tão pouco mencionada na obra, mas ao mesmo tempo presente o tempo todo, precisamos pensar o que se esperava das mulheres de sua época, não sabemos exatamente qual a época da mãe de Peter, já que não temos uma idade precisa da criança, que já é uma lenda que habitou e ainda habita a mente de tantas crianças, mas partindo da concepção de mãe representada pela Sr. Darling e, conseqüentemente, pela sua filha Wendy, se espera que as mulheres sejam mães, dedicadas à casa, aos filhos e ao marido, que zelem pelo sono dos filhos e pela imagem da família, dedicada, carinhosa e que pense no futuro das crianças, ensine os deveres e as responsabilidades da vida adulta.

Vejamos, nos segmentos abaixo, alguns exemplos desta percepção através da Sra. Darling:

É claro que eles moravam no número 14 e, até Wendy aparecer, sua mãe era a principal pessoa da casa. Era uma moça encantadora, dona de uma mente romântica e de uma boca tão doce e debochada. Sua mente romântica era como aquelas minúsculas caixinhas que vêm do misterioso oriente, uma dentro da outra, e, por mais que você encontre mais uma caixinha, sempre tem outra menor.

(BARRIE, 2013, p.11)

A Sra. Darling ouviu falar de Peter pela primeira vez quando estava organizando as mentes de seus filhos. À noite, todas as boas mães esperam seus filhos irem dormir para remexer suas mentes e arrumar tudo para a manhã seguinte, recolocando nos locais certos os diversos itens que saíram do lugar ao longo do dia.

(BARRIE, 2013, p.17)

Como observado, nas citações apresentadas, a sra. Darling é a representante das boas mães para a época, boa esposa, dona de casa, ama profundamente seus filhos e está sempre lá para eles, não importa o que façam.

Segundo David Zimmerman (1999), em seu livro *os Fundamentos Psicanalíticos*:

Uma mãe “suficientemente boa” (termo de Winnicott) levando em conta as óbvias diferenças individuais de cada uma delas, deve preencher satisfatoriamente as seguintes condições: 1 Ser provedora das necessidades básicas do filho (...) 2 Exercer a função de para-excitação dos estímulos que o ego incipiente da criança não consegue processar pela sua natural imaturidade neurofisiológica (...) 3 Possibilitar uma simbiose adequada (...) Compreender e decodificar a linguagem corporal do bebê (...) 5 Essa presença continuada da mãe que “entende e atende” essas necessidades básicas do bebê vai propiciar para a criança um senso de continuidade, baseada na prazerosa sensação de que “ela continua a existir” (...) 6 Uma maternagem adequada também implica não só essa necessária presença da mãe, mas também na sua condição de saber estar ausente e, com isso, promover uma progressiva e necessária “desilusão das ilusões” (...) 7 Isso remete-nos a uma função essencial de uma boa maternagem: a de frustrar adequadamente (...) 8 A função da mãe conter as aludidas cargas de identificações projetivas está sendo reconhecida como a fundamental para a estruturação sádia da criança (...) 9 Essa última consiste na função de a mãe: estar disponível para acolher o “conteúdo” das necessidades e angústias da criança (...) 12 Uma boa maternagem implica que a mãe de *permitir* que a criança exercite o seu direito-e necessidade- de devanear, imaginar e fantasiar, assim como também deve permitir temporariamente que a criança demonstre aquilo que Kohut (1971) denomina como “*self grandioso*” e “*imago parental idealizada*” (...) 15 Um importante aspecto da maternagem consiste no fato de que a mãe representa para a criança ser como um *espelho*, tal como aparece nesta frase de Winnicott (1967), tão bela como verdadeira: *o primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe, seu olhar, sorriso, expressões faciais. etc.* (...) 20 É evidente que as funções estruturantes do psiquismo da criança não dependem unicamente da mãe, mas sim que, além de outras eventuais pessoas, elas estão íntima e indissociadamente conectadas com as funções que comumente cabem a figura *paterna* (ZIMERMAN, 1999, p.104-106).

A partir da citação acima, podemos observar que até para a psicanálise existem os referenciais para definir uma boa mãe. É claro que este trabalho não se propõe a definir ou defender quais parâmetros estão corretos ou incorretos, apenas temos o objetivo de evidenciar que, dependendo do contexto de análise, esses parâmetros podem variar, e no que diz respeito à psicanálise, uma maternagem eficiente está mais relacionada a fatores de laços psicológicos entre mãe-bebê, do que na ideia de uma mãe

estritamente funcional que acaba sendo, no caso de uma maternagem eficiente, uma consequência.

No caso da suposta mãe de Pan, a exigência da sociedade patriarcal e a posição da maternidade entraram em conflito. Uma criança que foge e não quer crescer, choca-se com os “deveres” da boa mãe, e as “obrigações” dos bons filhos, fazendo dela uma mãe ruim, substituir seu filho, talvez, seja uma metáfora para dizer que o tempo não para, as cobranças não param, e ela cedendo às exigências do mundo de forma mecânica, quebrou com o princípio da maternidade dessa sociedade patriarcal, que determina que toda mãe tem sempre que estar para seu filho, independente dos erros que ele cometa o que acaba por distanciá-la de seu filho.

O contrário também pode ter acontecido. Uma mãe que idealiza demais o seu filho, acaba por não conseguir enxergá-lo após o nascimento, gerando uma certa repulsa pelo bebê. Vejamos na citação abaixo:

A mãe e o bebê têm vários momentos para se desencontrar: na gestação, no parto ou no puerpério. Em todos os casos trata-se do fracasso de um vínculo que gostaríamos de crer como natural. Entre os animais, os filhotes fracos e defeituosos são deixados morrer ou são devorados pela própria mãe. Por mais cruel que seja, isso nos parece mais compreensível, já que nesses casos a rejeição de um filhote obedece a alguma lógica biológica (...). No caso da mãe humana, a lógica que rege o vínculo é infinitamente mais complicada. Na gestação ou no parto, por exemplo, ela pode rejeitar um filho perfeito que reconheça como seu, porque ocorre que ela não se admite no papel de mãe. No puerpério, ela poderá dedicar-se ao filho, atenciosa e prestativa, ocupando-se dele, mas o bebê percebe que ela está emocionalmente alienada, suprimindo a falta de vínculo com uma eficiência mecânica. Por isso, um bebê limpinho, gordinho e belo, pode ser completamente desconectado por não ter encontrado seu ninho (CORSO&CORSO, 2006, p.34).

Tudo que está sendo abordado sobre quem seria a mãe de Peter Pan é uma hipótese para tentar justificar a rejeição dessa criança. Na obra, não se faz menção a quem foi essa mulher, e o que realmente aconteceu para que a história tivesse esse desdobramento.

É claro que, como trabalhamos essas inúmeras possibilidades através da psicanálise, todo o livro pode ser tornar inúmeras metáforas para o que acontece no inconsciente de uma criança, ao ter que lidar com a separação de sua mãe. Existe a

possibilidade de que a Terra do Nunca seja uma alegoria do funcionamento mental de Peter Pan, tentando lidar com o abandono, a chegada de um irmão, abusos e violências psicológicas por parte dessa mãe, enfim, o que podemos perceber, nitidamente na obra, é que Peter Pan é uma criança machucada, psicologicamente abalada, que busca nas aventuras uma forma de seguir em frente; nos ataques de raiva, uma forma de extravasar, e na busca de uma mãe, a tentativa frustrada de substituir, a sua maneira, algo insubstituível.

Vejamos na citação abaixo, como o sofrimento de Pan o afeta até em seu sono:

Às vezes, embora não com frequência, Peter sonhava, e eram sonhos mais dolorosos que os dos outros meninos. Durante horas ele não conseguia se separar desses sonhos, embora gemesse de um jeito horrível enquanto os sonhava. Eu acho que esses sonhos tinham a ver com o mistério que é a existência de Peter

(BARRIE, 2013, p.184)

E mais uma vez podemos comprovar, o quanto essa criança está sequelada, e que embora conscientemente Peter Pan tenha a capacidade de “esquecer”, o seu inconsciente não possui essa habilidade de deletar o trauma, e sempre está trazendo à tona as suas maiores angústias.

3.1.4 WENDY: UMA MÃE EM POTENCIAL

Wendy se encontra na posição de quase moça, ou seja, ela ainda possui a imaginação, a criatividade, e os demais trejeitos infantis, mas, ao mesmo tempo, ela já possui a famosa ânsia de crescer. Já é capaz de reconhecer as responsabilidades dos adultos, tem como espelho a sua própria mãe e não tem medo do futuro que a espera. Na Terra do Nunca, Wendy brinca justamente de ser mãe, a boa, que conta histórias, faz a comida, costura as roupas e mantém a família reunida e feliz e a má que obriga os filhos a tomar remédios, e os põe de castigo. Vejamos os segmentos abaixo:

-Oh, moça Wendy, seja nossa mãe!

-Será?-disse Wendy, radiante de alegria.- É claro que é uma proposta fascinante. Mas, sabem, eu sou só uma menina.
Não tenho experiência de verdade.

-Isso não importa-disse Peter, como se ele fosse a única pessoa ali que entendia daquilo, embora na verdade fosse o que menos entendia.- A gente só precisa de uma pessoa legal que seja assim, meio mãe.
-Nossa!- disse Wendy.- Olhem, acho que sou exatamente assim.
-É, sim!- exclamaram todos.- A gente logo viu!
-Muito bem-disse ela.- Vou fazer o melhor que posso.
Entrem agora mesmo, crianças levadas. Aposto que vocês estão com os pés molhados. E, antes de vocês irem para a cama, posso contar como termina a história da cinderela.

(BARRIE, 2013, p.108)

Imagino que tudo aquilo fosse especialmente extasiante para Wendy, pois seus meninos levados lhe davam muito o que fazer. Houve semanas inteiras em que ela trabalhou tanto que só conseguia sair um pouco de debaixo da terra quando pegava uma meia para cerzir no fim do dia. Tinha que fazer tanta comida que, posso lhes assegurar, não tirava o nariz da panela.

(BARRIE, 2013, p.113)

Como observado nos trechos acima, Wendy segue à risca as “obrigações” de uma mãe, cuida, limpa, briga e ama seus filhos. Podemos inferir que Wendy imita a sua própria mãe, a sra. Darling. Ela já sabe identificar onde termina a brincadeira e começa a realidade. Ela entende perfeitamente que está brincando de ser mãe, e sabe bem quem são seus pais de verdade, diferentemente de Peter Pan que está totalmente envolto na brincadeira e na fantasia sem ter a dimensão de onde termina a fantasia e começa o real. Vejamos abaixo:

Conforme o tempo foi passando, será que Wendy pensou muito nos adorados pais que havia deixado para trás? Essa é uma pergunta difícil, pois é impossível saber de que forma o tempo passa na Terra do Nunca, onde ele é calculado pela lua e pelo sol, mas onde há muito mais luas e sóis do que no resto do mundo. Mas eu temo que Wendy não se preocupasse muito com seu pai e sua mãe; ela tinha certeza absoluta de que eles sempre iam deixar a janela aberta para que ela pudesse entrar voando, e isso a deixava na mais perfeita tranquilidade.

(BARRIE, 2013, p.114-115)

Wendy sente por Pan um tipo de amor que só surge com o crescer e que ele é incapaz de corresponder. Nós podemos supor que a época em que essa história acontece é de tradição patriarcal, em que os homens precisam casar e prover o sustento da família e as mulheres precisam ser donas de casa e boas mães. Podemos observar essa realidade no que toca o Sr e a Sra Darling.

A relação que Wendy estabelece com todos na obra é reflexo das relações que são estabelecidas para com ela no decorrer de sua vida! Parte do princípio de que ela faz parte de uma família estruturada tanto financeira como psicologicamente, todos ocupam e executam o seu papel dentro da família. Wendy não brinca de ser mãe o tempo todo! Em sua casa ela é a filha, e age como uma filha, abrindo mão das responsabilidades que compreende ser de uma mãe em detrimento da sua própria mãe. Esse papel maternal exercido por ela, só surge quando, na realidade imaginária da brincadeira, ela se propõe a exercer esse papel de mãe, mesmo assim ela tem plena consciência, como podemos observar nas diversas passagens já citadas neste trabalho, de que ela não é uma mãe de verdade! E que ela é na verdade apenas uma menina!

Todas as meninas que irão ocupar o lugar de Wendy na vida de Pan nos anos seguintes, irão executar exatamente as mesmas ações, vão ter os mesmos pensamentos, sonhos e vontades, e a mesma consciência, pois representam justamente o equilíbrio familiar e suas vantagens, as quais Peter Pan não possui. Vejamos abaixo:

Quando você olhar para Wendy, talvez veja seu cabelo ficando branco, e seu corpo ficando pequenininho de novo, pois tudo isso aconteceu a muito tempo. Jane agora é uma adulta como qualquer outra, com uma filha chamada Margaret. E, toda vez que chega a hora de fazer a faxina de primavera -a não ser quando ele esquece-, Peter vem buscar Margaret e a leva para a Terra do Nunca, onde ela lhe conta histórias sobre si mesma, as quais ele ouve com grande atenção. Quando Margaret crescer, ela vai ter uma filha, e vai ser a vez dela de ser a mãe de Peter. E assim continuará sendo, enquanto as crianças forem alegres, inocentes e desalmadas.

(BARRIE, 2013, p.253)

Sendo assim, podemos comprovar que, analisando a partir dos parâmetros de uma criança considerada “normal”, levando em consideração as especificidades de cada uma, Wendy cumpre todas as etapas de sua vida até o momento e é capaz de superar o período da infância como se espera, sempre contando com a esperança de um futuro maravilhoso, suas herdeiras, por sua vez, servem para comprovar o ciclo que se apresenta na obra e que serve como complemento para a saga de Peter Pan, personagem que representa o papel antagônico ao das “Wendy’s”.

3.1.5 CAPITÃO GANCHO: O IDEAL DO PAI FADADO AO FRACASSO

Peter Pan reina em sua terra. Nela, ele é o protagonista e está sempre em busca de aventuras, luta sempre contra o Capitão Gancho, que na obra é o grande vilão. Embora sejam representados como inimigos na história, a relação dos dois é extremamente interligada, pois Pan acaba por agir de forma semelhante ao pirata porquanto sempre justifique as atitudes de Gancho como a de um adulto mal e sendo arrogante o suficiente para não se dar conta disso! Observe o seguinte trecho da obra:

Não precisa dizer quem era o capitão. Bico e João eram o primeiro e segundo ajudantes. Havia uma mulher a bordo. Os outros eram meros marinheiros, e dormiam no castelo de proa. Peter já havia se agarrado ao timão; mas ele chamou todos os marujos e fez um pequeno discurso para eles. Disse que esperava que eles cumprissem seus deveres como homens bravos que eram, mas que sabia que eles eram a corja mais vil do Rio e da Costa do Ouro e afirmou que, se o desobedecessem, iam levar uma surra de chicote. Essas palavras rudes eram perfeitas para lidar com marinheiros, e eles deram gritos eufóricos em homenagem a seu capitão. Peter então deu algumas ordens curtas e grossas e eles viraram o navio na direção contrária, encaminhando-se para longe da ilha.

O capitão Pan, após consultar as cartas náuticas, calculou que, se o tempo continuasse daquele jeito, eles iam chegar aos Açores no dia 21 de junho. Depois disso, seria mais rápido ir voando.

Alguns deles queriam que aquele fosse um navio honesto, enquanto outros queriam que continuasse a ser um navio pirata; mas o capitão tratava todos como se fossem cães, e eles não ousavam expressar seus desejos para ele nem de forma coletiva. A obediência instantânea era o único caminho seguro. Magrelo levou uma dúzia de chibatadas por fazer cara de espanto quando o capitão o mandou medir a profundidade da água. Os meninos achavam que Peter estava sendo honesto por enquanto para despistar Wendy, mas que talvez fosse mudar quando ficasse pronta a roupa nova que, contra a vontade, ela estava fazendo para ele, usando alguns trajes mais perversos de Gancho. Mais tarde, eles sussurraram uns para os outros que, na primeira noite em que Peter vestiu essa roupa nova, ele ficou um longo tempo sentado na cabine com a cigarreira de Gancho na boca e com o punho cerrado com o indicador para fora, dobrado de forma ameaçadora, como se fosse um gancho.

(BARRIE, 2013, p.222-223)

Podemos, de certa forma, associar o Capitão Gancho ao próprio reflexo do adulto fracassado, à posição paterna, que acaba se tornando um rival no período edipiano. Na obra sempre se faz alusão a um olhar ou a um discurso melancólico por parte de James Gancho, tentativas de falar sobre um passado mais feliz, antes de perder a sua mão, que foi cortada por Pan e comida por um crocodilo. Essa perda da mão pode representar um

pai desvalorizado, destituído da sua posição de pai por algum motivo, o que justificaria a melancolia e a solidão do capitão, como podemos verificar nos fragmentos abaixo:

O Capitão Gancho era moreno e cadavérico, e seu cabelo era cheio de cachos que, a uma certa distância, pareciam velas negras, e davam um ar ameaçador ao seu belo rosto. Seus olhos eram azuis como miosótis e tinha uma expressão de profunda melancolia- a não ser quando ele estava enfiando o gancho em alguém, pois aí manchas vermelhas apareciam neles e os deixavam horivelmente incandescentes.

(BARRIE, 2013, p.81-82)

O coração de Gancho devia estar radiante, mas seu rosto não demonstrava isso. O capitão sempre foi um enigma cruel e solitário, e ele se mantinha distante de seus seguidores não apenas física, mas também espiritualmente.

(BARRIE , 2013, p.175)

Gancho caminhava pelo convés, pensativo. Que homem incompreensível! Aquele era seu momento de triunfo. Peter fora removido de seu caminho para sempre, e todos os outros meninos estavam no navio, prestes a caminhar na prancha. Aquele fora seu crime mais repugnante desde que ele subjugara LongJonh Silver. E sabendo, como nós sabemos, o quanto os homens são vaidosos, não acharíamos normal se ele agora estivesse cambaleando pelo convés, zonzinho de alegria com tanto sucesso?

Mas não havia júbilo em seus movimentos, que estavam em sintonia com sua lúgubre mente. Gancho sentia uma profunda melancolia.

Ele muitas vezes ficava assim quando refletia no navio, em meio ao silêncio da noite. Era porque se sentia tão terrivelmente só. Esse homem inescrutável se sentia mais sozinho do que nunca quando estava rodeado por seus capangas. Socialmente, eles eram tão inferiores.

(BARRIE, 2013, p.194-195)

A questão da desvalorização do pai não é uma novidade nesta obra. Na verdade, a maior parte dos contos de fadas tradicionais traz em suas narrativas, exatamente esse protótipo de pai que acaba sendo suprimido pela “mãe” no enredo. Suas posições são, em geral contraditórias, uma vez que são representados como reis. No caso desta obra, como o grande capitão pirata, mas que, na prática, fracassa em seus papéis, mostrando-se incapaz de estar à altura do papel ao qual lhe foi designado.

Por outro lado, Pan vive em eterna guerra contra o capitão. Ele quer ocupar o lugar do capitão, e ser quem manda, quem vive as melhores aventuras, ser elogiado e servido, o que pode representar o período edipiano no qual ficou preso, em que o pai se torna um intruso que quer roubar o que é seu e como já citado, o referido pai teria sido destituído de sua posição e sua mãe o abandonado, deixando Pan estagnado para sempre na posição de uma criança frustrada que está, inconscientemente, em busca de uma mãe, a fim de suprir, sua carência materna e sempre a lutar contra um pai intruso que está tentando afastá-lo de seu intento

Podemos observar que o Capitão Gancho não possui nenhum controle sobre Peter Pan, e esse fato o deixa bastante ansioso e eufórico, uma vez que ele está sempre tentando vencer o menino, as suas derrotas alimentam cada vez mais o ódio que ele sente por esta criança, que representa tudo aquilo que ele não é.

Uma relação bastante diferente, é a do Capitão para com os seus marujos, que representa por sua vez o total controle nas mãos dele, sendo temido, por isso respeitado e obedecido. No seu navio, ele ocupa a posição de protagonista, podendo fazer o que quiser sem correr o risco de perder a posição. Vejamos abaixo:

No meio deles estava reclinado o maior e mais assustador de todos naquele ambiente funesto: James Gancho, ou, como ele próprio assinava, Jas. Gancho, que diziam ser o único homem que botava medo no grande Long Jonh Silver. Gancho estava deitado à vontade numa carruagem tosca puxada e empurrada por seus homens e, no lugar da mão direita, ele tinha o gancho de ferro com o qual estava sempre os incentivando a andar mais depressa. Eles eram tratados como cães por este homem terrível, e o obedeciam como cães.

(BARRIE, 2013, p.81)

Gancho ainda se portava um pouco como um fidalgo, e até estraçalhava seus inimigos com ares de grandeza. Além disso, já me disseram que era um grande *raconteur*. Ficava mais sinistro quando se comportava com mais polidez, o que provavelmente é a verdadeira marca registrada dos aristocratas; e a elegância de sua dicção, até quando falava palavrões, assim como a superioridade de seu comportamento mostravam que ele não era da laia de sua tripulação.

(BARRIE, 2013, p.82)

Mais uma vez, foi possível observar, através destas passagens, de que forma o Capitão Gancho se fazia representar. Para sua tripulação, ele é o Capitão, sendo superior aos seus marujos era temido e obedecido, não só pelos marujos, mas também por todos

os demais habitantes da Terra do Nunca, com exceção de Peter Pan, que é o único que o desafia e representa o outro extremo de James Gancho, fazendo assim com que, por várias vezes, o mesmo se sinta derrotado e humilhado diante da arrogância tão conhecida de Peter Pan.

3.1.6 SRA. DARLING: UM MODELO A SER SEGUIDO

A sra. Darling é a mãe de Wendy. Embora a obra não gire diretamente em torno dela, a sua presença se faz presente em toda obra, principalmente através de Wendy. Esta personagem serve para nós como o parâmetro da “boa mãe”, tendo em vista que é através dela, e de como ela se projeta em sua filha, que podemos observar, a ausência de tantas mães em toda a obra. Vejamos, primeiramente abaixo, uma pequena descrição da Sra. Darling:

Era uma moça encantadora, dona de uma mente romântica e de uma boca tão doce e debochada. Sua mente romântica era como aquelas minúsculas caixinhas que vêm do misterioso Oriente, uma dentro da outra, e, por mais que você encontre mais uma caixinha, sempre tem outra menor. E sua boca doce e debochada continha um beijo que Wendy nunca conseguia ganhar, embora ele estivesse bem ali, perfeitamente conspícuo no cantinho direito.

(BARRIE, 2013, p.11-12)

A partir deste trecho, já podemos perceber que a Sra Darling é dona de uma delicadeza, e de um mistério próprio das mulheres, sendo gentil, amável, calma e organizada, características essas descritas em outras passagens do livro. Ela representa o padrão de mulher perfeita, para a época em que ela vive, boa esposa, dona de casa e principalmente boa mãe. Partindo do princípio de que para essa sociedade que subentendemos ser patriarcal, uma boa mulher embora envolta em seus próprios mistérios, devia ser romântica, sonhar com o casamento, sonhar com os filhos e a casa perfeita, podemos observar nas passagens abaixo como esses padrões se fazem presentes na configuração da Sra Darling e de sua família. Observemos:

A sra. Darling se casou de branco e, no início, anotava minunciosamente tudo o que gastava, quase com alegria, como se fosse uma brincadeira, sem deixar passar nem mesmo uma folha de alface; mas, após algum tempo, couves-flores inteiras foram ficando de fora, e no lugar delas apareciam desenhos de bebês sem rosto. A sra. Darling os desenhava quando deveria estar calculando as despesas da casa. Eles eram os palpites dela.

(BARRIE, 2013, p.12-13)

Nesta passagem, fica claro que, embora a família Darling não seja rica, ela está inserida nos padrões que já foram mencionados acima, e que além de seguirem o roteiro da boa família, estão sempre tentando “ser” dessa boa família que seria hipoteticamente representada pelas famílias ricas, uma vez que não o são, o chefe da família o Sr. Darling, faz o possível para tentar se equiparar. Vejamos abaixo:

A Sra Darling gostava de cuidar de tudo com muito cuidado, e o Sr. Darling era fanático por ser exatamente igual aos vizinhos; por isso, é claro que eles tinham uma babá. Como eram pobres, devido à quantidade de leite que as crianças bebiam, essa babá era uma cachorrinha terra-nova muito asseada que se chamava Naná e não pertencia a ninguém em particular até os Darling a contratarem.

(BARRIE, 2013, p.14-15)

Observando-se, assim, o padrão em que essa família se estrutura, podemos afirmar que, na obra, essa família representa a felicidade. Existe amor dentro dessa família, como podemos comprovar em toda a obra, um casamento feliz, com filhos desejados, amados e felizes, que brincam, que sonham com a Terra do Nunca, assim como todas as crianças felizes. Todos executam perfeitamente o seu papel, a sra. Darling a mãe, esposa e dona de casa, o sr. Darling o provedor, bom marido, bom pai que se preocupa com a imagem da família perante a sociedade, Naná a babá, as crianças sendo crianças... enfim a família perfeita.

A relação entre a Sra. Darling e sua filha Wendy é estreita, elas são o reflexo uma da outra. No decorrer da obra e também no decorrer deste trabalho, no tópico que trata especificamente da personagem Wendy, vamos aprofundar esta presença da sra Darling dentro de sua filha, seu amor, seu cuidado e seu exemplo que se propaga mesmo que de forma indireta em toda a obra, uma vez que a Peter Pan faltou uma mãe como ela.

A Sra. Darling cresceu, como se espera de todos nós que crescamos um dia, mas em seu interior, lá nos recantos de seu inconsciente, existe uma lembrança, ou quase uma, de sua infância. Observemos:

No início a sra. Darling não sabia, mas foi pensando em sua infância e se lembrou de um tal de Peter Pan que, diziam, morava com as fadas. Existem histórias estranhas sobre ele. Tem uma que diz que, quando as crianças morrem, Peter Pan fica com elas durante parte do caminho para que não tenham medo. A sra. Darling acreditara em Peter Pan na época, mas, agora que era casada e cheia de bom senso, duvidava muito que tal pessoa existisse.

(BARRIE, 2013, p.20)

Vale salientar que como já citado no início deste capítulo, a personagem da Sra. Darling não está presente na maior parte da obra de forma direta, mas assim como nos contos de fadas tradicionais, ela é representante do lado positivo e bom das mães, sendo assim, seu reflexo se faz presente em toda a obra através da sua filha Wendy. Nos contos tradicionais, essa mãe boa normalmente padece no início da história, mas assim como acontece em *Peter Pan*, faz-se presente sob outros aspectos.

Assim como tudo deve acontecer, a Sra. Darling tem consciência da “existência de Peter Pan”, da sua infância e sabe do que seus filhos estão falando, não da forma que nós leitores sabemos por estarmos interagindo com a obra, mas da forma que a maioria dos adultos lembram da sua infância, de forma vaga e cheia de lacunas, pois ao crescer e adquirir a maturidade que vem com o tempo, é de se esperar que, assim como ela, todos nós ressignifiquemos nossas memórias e não consigamos enxergar mais a magia que enxergávamos antes.

3.1.7 FADAS, SEREIAS E PRINCESAS: FACES DA MATERNIDADE ENCONTRADAS NAS PERSONAGENS MITOLÓGICAS DE *PETER PAN*

A maioria das personagens femininas da obra, de uma forma ou de outra, acabam representando um papel de mãe para Peter Pan, mesmo que nós, leitores, percebamos que algumas dessas personagens são apaixonadas por ele, e como esse amor é próprio de uma relação mais madura, uma forma de crescer e estabelecer relações com terceiros que não são seus pais, Pan não compreende e não o deseja, o que

acaba frustrando em certos momentos algumas personagens como Wendy, Sininho, as Sereias e a princesa Tigrinha, por exemplo. Mas, ao analisar essas personagens pela ótica de Pan, para ele, elas o admiram, cuidam, se entusiasmam pelos seus feitos e é disso que ele acha que precisa. Verifiquemos, no trecho abaixo, como se configura essa pequena “confusão”:

- Eu só estava pensando -disse ele-, com um pouco de medo.- É só faz de conta, não é, que sou o pai deles?
- É, sim- disse Wendy, um pouco chateada.
- Sabe o que é?- continuou Peter, num tom de quem pede desculpas. – É que, sem eu fosse o pai deles de verdade, isso ia me fazer parecer tão velho.
-Mas não de verdade, não é, Wendy?- perguntou ele, ansioso.
-Não se você não quiser- respondeu Wendy. E ela ouviu direitinho o suspiro de alívio dele.- Peter- disse Wendy, tentando falar com firmeza-, o que exatamente você sente por mim?
- Eu sou como se fosse seu filho, Wendy.
-Foi o que pensei-disse ela.
E Wendy foi se sentar sozinha na outra ponta da sala.
-Você é tão esquisita- disse Peter, sem entende nada.- E a Princesa Tigrinha é igual. Ela quer ser alguma coisa minha, mas diz que não quer ser minha mãe.
-Aposto que não!- retrucou Wendy com muita ênfase.
Agora a gente já sabe por que ela não gostava dos peles-vermelhas.
Então, ela quer ser o quê?
-Uma dama não fala dessas coisas.
-Tudo bem!-disse Peter, exasperado.- Quem sabe a Sininho não me explica.
-Ah, a Sininho explica, sim-retrucou Wendy com desprezo. -Ela é uma fadinha muito dada.
Nesse momento Sininho, que estava xeretando tudo do seu quartinho, deu um guincho desaforado.
-Ela disse que adora ser muito dada-traduziu Peter.
Ele teve uma ideia súbita.
-Quem sabe a Sininho quer ser minha mãe?
-Seu imbecil! - exclamou Sininho, furibunda.

(BARRIE, 2013, p.154-155)

Como podemos observar, nesse fragmento, as personagens femininas nutrem um sentimento especial por Peter Pan. São, de certa forma, apaixonadas por ele e ocupam algumas funções propriamente maternas para com ele. Já, para Peter, ele estabelece uma relação para com estas meninas, mas não sabe identificar um sentimento amoroso. Ele as ama à sua maneira, mas para ele é tudo faz de conta, tudo aventura, ele não possui a

maturidade necessária para lidar com sentimentos tão complexos, mesmo estando tão envolto nestes sentimentos.

É de se perceber também que os modelos de mulheres representados nessas personagens femininas, afugentam Peter Pan, especialmente a fada sininho. Extremamente possessiva e protetora, está a todo momento a criar pequenas confusões, oriundas da rivalidade que tem para com Wendy. Verifiquemos as citações abaixo:

Sininho não era de todo má; ou melhor, ela era toda má agora, mas, por outro lado, às vezes era toda boa. As fadas têm que ser uma coisa, ou outra, pois, como são tão pequenas, infelizmente só têm espaço para um sentimento de cada vez. Elas podem mudar, no entanto tem que ser uma mudança completa. Naquele instante, Sininho estava cheia de ciúme de Wendy.

(BARRIE, 2013, p.76)

Wendy ainda não sabia que Sininho a odiava com o ódio feroz de uma mulher de verdade. Por isso, confusa e cambaleando ao voar, foi atrás da fada, diretamente para sua destruição.

(BARRIE, 2013, p.76)

Vejamos ainda sobre a Sininho, na citação abaixo:

A fada de Barrie representa à mãe que satisfaz a criança que sabe fazê-la sorrir, por isso, ela faz parte do acervo da Terra do Nunca. Mas o autor não é dado a simplificações, incluiu nessas personagens todas as ambiguidades que fizeram com que ele situasse esse mundo de fantasia num território limítrofe entre o sonho e o pesadelo: as fadas são ciumentas, possessivas e até mesmo capazes de maldades (CORSO&CORSO, 2006, p.234).

Dessa forma, podemos observar que, embora a Sininho seja apaixonada por Pan, ela executa exatamente o papel da mãe possessiva, que está presente nos primeiros meses do bebê, é protetora mas não sabe lidar com as outras personagens femininas da obra, sendo assim, acaba afugentando Peter Pan, que não compreende tanta complexidade feminina, uma vez que ele teria que ocupar o papel de filho e de par amoroso, quando sabemos que ele é incapaz de compreender tais papéis devido a sua maturidade psicológica.

É interessante mencionar que todas essas meninas e mulheres que são representantes das diversas perspectivas femininas nesta obra, são conscientes de seu papel: Wendy se prepara para crescer e se tornar uma esposa e mãe; a princesa Tigrinha para ser uma guerreira que luta pela sua tribo; as sereias estão sempre juntas e não se misturam com os demais personagens, exceto Peter Pan; Sininho é a companheira de Pan. Todas elas possuem, em comum, a fascinação por Peter Pan. Elas o querem para si, ficam divididas entre o cuidado e o amor de mãe, já que todas elas executam parte dessa função materna, e o amor sexual que nutrem por Pan, que por sua vez nunca serão correspondidas.

Sendo assim, nós leitores, podemos compreender o motivo de tanta rivalidade entre essas personagens, uma vez que todas possuem o desejo de ter o seu amor correspondido por Pan, qualquer uma que possua sua afeição, gera revolta e desprezo nas outras, na obra o alvo principal é representada por Wendy, que não é aceita por nenhuma das outras personagens femininas da obra, como podemos observar na seguinte passagem:

Isso não quer dizer que as sereias fossem amigas delas; ao contrário, uma das maiores decepções de Wendy foi nunca ter ouvido sequer uma gentileza delas durante todo o tempo que passou na ilha. Quando Wendy ia devagarzinho até a beira da lagoa, às vezes via sereias aos montes, principalmente na Pedra do Abandono, onde elas adoravam tomar sol penteando os cabelos de um jeito preguiçoso que a irritava bastante. Wendy às vezes nadava pé ante pé, por assim dizer, até ficar a cerca de um metro delas, mas aí as sereias a viam e mergulhavam, jogando água nela com suas caudas, não sem querer, mas de propósito.

(BARRIE, 2013, p.121-122)

Em outros momentos deste trabalho, foram citadas outras passagens com relação a essas personagens femininas e seu desprezo por Wendy. Dessa forma reiteramos mais uma vez, o quanto essas facetas femininas afastam ainda mais o nosso querido Peter Pan, uma vez que o que ele, inconscientemente, mais procura é o que ele mais despreza: uma mãe.

3.1.8 OS MENINOS PERDIDOS: A ESPERANÇA DO RESGATE DA INFÂNCIA

Os meninos perdidos são altamente necessários para que possamos analisar como se constitui a noção do que é “ser” pai ou “ ser” mãe, que foram apreendidas por Pan e Wendy. É através dessas crianças que fazem parte de quase todas as aventuras e que constituem a família imaginária de Peter Pan, que podemos compreender as dicotomias apresentadas no decorrer de todo este trabalho, no que diz respeito principalmente, às percepções de família por parte de Peter Pan e Wendy, como já citado, além de possibilitar-nos uma visão mais real de todas as crianças abandonadas que ainda possuem a chance de crescer. Vejamos abaixo como Barrie descreve essas crianças:

- Mas onde você mora a maior parte do tempo agora?
- Com os meninos perdidos.
- Quem são eles?
- São crianças que caem dos carrinhos quando as babás estão distraídas. Se ninguém vai buscar essas crianças em sete dias, elas são mandadas para um lugar bem longe, a Terra do Nunca, para ajudarem nas despesas. Eu sou o capitão.

(BARRIE, 2013, p.51)

Como observado na passagem acima, os meninos perdidos são as crianças esquecidas e abandonadas, que ninguém foi buscar. Na obra, esses meninos devem obediência cega a Peter Pan. Suas vidas dependem disso, ainda que se viva de faz de conta na Terra do Nunca. Os perigos são reais. Partindo desse princípio, Pan executa vários papéis e, além de capitão, o que mais nos interessa é o papel de pai.

Como já mencionado anteriormente em outros tópicos, Peter Pan possui uma certa aversão a adultos, em especial os pais. Na obra, podemos perceber que o único adulto que faz parte do mundo de Pan é o capitão Gancho, cujo papel principal é ser o vilão e o pior inimigo dele. Sendo assim, é de se notar que o modelo de pai e capitão exercido por Peter é semelhante ao de James Gancho. Vejamos os segmentos abaixo:

Peter proíbe os meninos perdidos de se parecerem com ele, ainda que seja só um pouquinho, e eles se vestem com as peles dos lobos que

matam, ficando tão roliços e felpudos que, quando caem, saem rolando. Por isso, todos aprenderam a não cair muito.

(BARRIE, 2013, p.78)

Peter viu a flecha. Ele arrancou-a do coração de Wendy e encarou seu bando.

-De quem é essa flecha? Perguntou severamente.

-Minha, Peter- disse Firula, de joelhos.

-Ah, seu covarde! -disse Peter, erguendo a flecha para usa-la como adaga.

Firula não recuou. Ele abriu o peito.

-Pode me matar, Peter- disse ele com firmeza.- E não erre o alvo.

(BARRIE, 2013, p.98)

A primeira coisa que pensaram foi que, se Peter não ia, então ele provavelmente mudara de ideia e desistira de deixa-los ir.

Mas Peter era orgulhoso demais para fazer isso.

-Espero que vocês gostem da mãe de vocês, se conseguirem descobrir onde elas estão- disse ele, perverso.

(BARRIE, 2013, p.169)

Como mencionado anteriormente, o papel paterno exercido por Pan, é semeado do autoritarismo, e um pouquinho da maldade que ele observa em seu único modelo que é o James Gancho. Mas, essa não é a única versão desse garoto. Ele também gosta dos meninos perdidos, e os trata como seu bando. Ele sempre volta, e foi em busca de uma mãe para todos eles. Essas ambiguidades estão presentes em toda a obra e para os meninos perdidos, o sentimento é tão confuso quanto. Eles amam e temem, seu pai e capitão quase na mesma medida.

É interessante mencionar que, assim como seu modelo, James Gancho, Peter Pan também é falho como pai, pois assim como o capitão, ele não consegue assimilar a complexidade desse papel, e o reduz a mandar e ser obedecido sob pena de morte ou exílio a quem desobedecer.

A relação entre a menina Wendy e os meninos perdidos é de amor. Como já citado também em outros tópicos, Wendy brinca de ser mãe, sendo assim, ela verdadeiramente executa com perfeição o seu papel para com os meninos perdidos. Ela os ama, cuida da alimentação, cose suas roupas, dá remédios, conta histórias e, enfim, a relação é recíproca, pois os meninos, por sua vez, fazem o possível e o impossível, para

serem seus melhores filhos! Obedecem à risca, seus pedidos e desejos, e agem conforme o que ela espera. Vejamos nos fragmentos abaixo:

Também devia ser muito bonito ver as crianças descansando numa pedra por meia hora após o almoço. Wendy insistia que fizessem isso, e o descanso tinha que ser de verdade mesmo que o almoço fosse de faz de conta. Assim, eles ficavam deitados com os corpos brilhando à luz do sol, enquanto ela ficava sentada ao lado deles com um ar importante.

(BARRIE, 2013, p.123)

A hora em que Wendy mais gostava de costurar e cerzir era quando todos eles já tinham ido para cama. Aí ela tinha um momento de paz, como gostava de dizer; e passava-o fazendo roupas novas para os meninos, ou colocando um forro a mais nos joelhos, pois essa era a parte da roupa que eles sempre rasgavam primeiro.

(BARRIE, 2013, p.114)

Essas e outras citações mencionadas no decorrer do trabalho, servem de exemplo para reforçar a ideia da boa mãe, representada por Wendy. Nesta bela obra de Barrie, e assim como já mencionado anteriormente, essas citações também nos mostram a representação do bom filho, que aparecem para nós sob a forma dos meninos perdidos, que passam toda a obra se esforçando para obedecer a fim de serem amados pelos personagens que exercem a função de pais, que no caso são a Wendy e o Peter Pan.

CONCLUSÃO

Pan fica satisfeito com as aventuras do voltar para casa e, ao mesmo tempo, triste por ter de abrir mão de Wendy e dos meninos perdidos, mesmo tendo sido convidado e até recebido o beijo que ninguém mais conseguiu da Sr. Darling, Pan não pode ficar! Ele já está inteiramente ligado à Terra do Nunca e as suas aventuras, está totalmente desligado do mundo real, para ele a fantasia e a realidade são a mesma coisa.

Ele tem todos os trejeitos, atitudes, vontades, e a personalidade típica de uma criança, que deveria ser ensinada pela sua mãe, e como no seu caso não há uma, essa criança vive à deriva e, dificilmente, haverá a possibilidade dessa mente já tão frustrada tomar a decisão certa e sensata de crescer, porque essa atitude é decorrente da maturidade e crianças pequenas não pensam em sensatez, sendo assim, o nosso eterno menino, para sempre criança, está sempre a voltar à Terra do Nunca e a voltar no verão em busca de uma nova mãe de faz de conta, abrindo e fechando novos ciclos como o retratado na obra.

Pan é a própria imagem da infância, com toda a imaginação, magia e fantasia pertinente à fase, está sempre auxiliando os meninos perdidos a encontrarem a Terra do Nunca, a fim de viverem com intensidade as suas aventuras. Quando esses meninos dão sinal de crescimento, Pan os leva de volta, pois a terra do nunca não é lugar para adultos, todos nós tivemos a nossa chance de viver e conhecer essa terra maravilhosa, hoje só podemos nos confortar com as poucas memórias que nos restaram e com os nossos sonhos bem no fundo do nosso inconsciente, porque crescer faz parte da vida, e cada fase contém as suas próprias aventuras. Cabe a nós vivermos intensamente cada uma delas.

Peter vive em uma realidade fantástica só sua, embora ele se relacione com outras pessoas, as mesmas não possuem tanta influência sobre ele, já que não se sabe sua idade, nem de que época ele faz parte, mas na obra podemos observar referências de que Pan, está preso em um ciclo, vários garotos perdidos irão passar pela ilha, vários piratas, monstros, sereias, fadas e Wendys irão entrar e sair da vida de Peter, mas ele continuará sendo exatamente o mesmo. Podemos observar que existe sempre um ciclo, e que Pan está sempre indo e voltando, e que assim como já citado anteriormente ele

não tem controle dessas memórias logo ele sempre estará em busca de novas aventuras e de uma nova mãe.

É interessante mencionar que este trabalho apresenta apenas uma hipótese sobre esse personagem, o que não exclui inúmeras outras possibilidades de interpretá-lo, o que fica extremamente claro, independentemente de qualquer outra análise é que Peter Pan, é uma criança que se sente só e desamparada a ponto de odiar e repudiar o futuro que induz ao crescimento.

Qual a importância de ler Peter Pan para as crianças?

Assim como qualquer conto de fadas, Peter Pan possui uma magia e uma fantasia própria para crianças, um mundo de faz de conta que é fantasia e realidade, um lugar em que se pode ser e fazer o que quiser, assim como na terra do nunca, que se forma e reforma conforme a imaginação de cada criança, brincar é coisa séria, ser alguém de verdade enquanto quiser, mas parar e voltar a ser criança na hora que der na telha, sem escolas, deveres, arrumar quarto e saber etiqueta, é nisso que toda criança sonha. Mas, ao mesmo tempo, a criança ama seus pais, e, apesar de amar tudo isso, ela sabe que tem que voltar para casa, para os braços de seus pais e que não pode ser criança para sempre. Tudo na vida se resume a fases, não se deve pulá-las, entretanto, também não se pode viver preso na mesma fase para sempre, responsabilidade faz parte da vida, crescer traz consigo a maturidade e não é que se deva abandonar para sempre a nossa terra do nunca, mas que essa terra tem que viver no interior de nossas mentes como uma lembrança gostosa dos velhos tempos em que gozavamos da infância.

A literatura infantil precisa ter como objetivo a aquisição de habilidades no que diz respeito, principalmente, à forma como compreende o mundo a seu redor, segundo Bruno Bettelheim em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*: “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler, não acrescenta nada de importante à nossa vida.”. Sendo assim, é importante que as crianças e os jovens possam absorver algo significativo para suas vidas ao ler. Embora saibamos que muitos dos processos de assimilação, seja feito inconscientemente, e que esses processos variam de acordo com a mente de cada um, é preciso que obra em si, seja significativa para o consciente também e tenha como dever acrescentar e ensinar valores a todos nós.

REFERÊNCIAS

- BARRIE, James Matthew. **Peter Pan**. Trad. Julia Romeu. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad: Arlene Caetano. 32 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto-juvenil das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3. ed. refundida e ampl.. São Paulo: Quiron, 1985.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Artmed, 2011
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: CosacNaify, 2015.
- QUINODOZ, Jean-Michel. **A solidão doméstica: a angústia da separação em psicanálise**. Trad: Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MICHELLI, Regina. Nas trilhas do maravilhoso: a fada. **Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários**. Rio de Janeiro, Dez. 2013.
- ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- EDLER, Sandra. **Luto e melancolia: à sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.